

FIOS DE MEMÓRIA

LIBER AMICORUM PARA FERNANDA HENRIQUES

Irene Borges-Duarte
Organização

hms

Das mulheres na História à história das mulheres – percursos em torno da Idade Média

HERMÍNIA VASCONCELOS VILAR

Professora auxiliar com agregação do Departamento de História da Universidade de Évora.

A 24 de Junho de 1359, os testamenteiros de Domingas Peres, viúva de um mercador de Santarém, dirigiram-se ao convento de S. Domingos desta cidade e aí fizeram abrir uma arca, a qual aí tinha sido posta por Domingas Peres à guarda do convento e dos seus frades. Nessa arca encontraram seis sacas com dinheiro no valor de 1600 libras, seis taças, um vaso e um copo de prata, 130 maravedis de dinheiros brancos, 90 torneses, 35 dobras, 38 escudos de ouro, 5 florins de Florença e um quarto de mealha¹.

Os testamenteiros que então se tinham dirigido ao convento de S. Domingos para finalizarem a tarefa iniciada, em 16 de Junho, de inventariarem todos os bens deixados por Domingas Peres em sua casa e fora dela, poderão não se ter admirado com o volume e a variedade de dinheiro que aí tinha sido guardado.

A circulação ou o recurso a moeda de diferentes origens, nomeadamente na prática do comércio nacional e internacional, não era, na verdade, uma novidade na sociedade medieval. Da mesma forma, o entesouramento de moeda e nomeadamente da boa moeda, numa aplicação linear da Lei de Gresham, não era, igualmente, uma prática incomum em grupos que a ela tinham acesso.

Mulher de um mercador, é bem possível que o pecúlio guardado sob a proteção dos dominicanos de Santarém se limitasse a reflectir a variedade monetária que ela e o seu marido utilizariam nas compras e vendas de bens. Desta forma, os sacos que então os testamenteiros de Domingas Peres abriram não eram mais do que peças de um património mais amplo que a documentação, escassa, nos deixa apenas entrever.

¹ ANTT, S. Domingos de Santarém, maço 5, n.º 1. O núcleo documental do convento de S. Domingos de Santarém preservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo inclui um conjunto bastante significativo de documentação relativa a Domingas Peres e aos seus herdeiros. Parte dessa documentação foi já estudada por mim em artigos que versaram, principalmente, a vivência dos grupos mercantis e das elites urbanas na Santarém do século XIV. Hermínia VILAR e Filipe THEMUDO BARATA, "Os protegidos de Mercúrio - em torno de famílias e fortunas de mercadores no Portugal medieval", in *A Cidade - Jornadas Inter e Pluridisciplinares. Actas*, vol. II Lisboa, Universidade Aberta, 1994, pp. 129-150 e Hermínia VILAR, "A preservação de uma memória: um percurso individual na Santarém de Trezentos" in *Santarém na Idade Média - Atas do Colóquio*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 2007, pp. 197-212. No caso vertente, irei centrar-me, fundamentalmente, na análise do inventário citado enquanto reflexo de uma vivência de uma mulher.

Património que compreendia dinheiro, vários bens móveis que o inventário de sua casa enumera e também um significativo volume de bens imóveis, muitos deles comprados entre 1329 e 1343, ainda em vida de seu marido. Ao longo destes anos Domingas Peres e seu marido Estevão Domingues protagonizaram um conjunto significativo de compras de bens, nomeadamente rurais, num total que ascendeu a cerca de 3700 libras.

Valor elevado e, sobretudo, representativo de um acentuado desafogo financeiro.

Parte deste património viria a ser destinado a custear as despesas com a morte e as celebrações cíclicas pelas almas do casal, beneficiando as igrejas de Santarém e de forma muito particular o convento de S. Domingos onde ambos se fizeram sepultar e onde fundaram uma capela.

O inventário dos bens da casa que até nós chegou realizado, muito possivelmente, nos dias subsequentes à morte de Domingas Peres, representa, sem dúvida, um ponto de chegada de uma vida, cuja longevidade desconhecemos, mas que terá sido longa o suficiente para permitir uma acumulação patrimonial significativa.

E, contudo, nunca o comércio a que o seu marido se teria dedicado é claramente identificado. Da mesma forma, nada é dito sobre a partilha ou a continuidade dessa actividade pela mulher cujos bens foram inventariados no final dos anos 50 do século XIV.

É possível que a sua actividade se ligasse ao negócio dos panos, dada a quantidade de tecidos inventariada. Mas contudo, nunca nada mais é dito para além da referência de que Domingas Peres tinha sido mulher de Estevão Domingues era mercador, como se esta referência bastasse para a sua identificação social.

A preocupação do inventário centra-se no arrolar das roupas e utensílios de casa, na descrição do vestuário feminino, no recheio dos móveis que compunham a casa, permitindo-nos entrever a constituição do conteúdo da casa de uma mulher “burguesa”, ou seja de uma mulher que vivia no burgo e que aí tinha a sua actividade.

Uma mulher entre as muitas cujos perfis e vidas nos escapam por entre uma documentação mais atenta ao mundo masculino.

Uma mulher cujo percurso, chegou até nós de forma entrecortada e dispersa por quadros de vida que não são mais do que janelas que a documentação sobrevivente no convento onde ela e seu marido procuraram um espaço final de sepultura, nos permite entreabrir.

Janelas que respondem, mesmo que de forma genérica ao desafio lançado por Fernanda Henriques em 2016 na sua reflexão sobre “A complexidade da conceptualização das mulheres e do feminino na Idade Média”², título tanto mais sugestivo quando apela

2 Título do ponto 1.2. da segunda parte do livro de Fernanda HENRIQUES, *Filosofia e Género. Outras narrativas sobre a tradição ocidental*, Lisboa, Ed. Colibri, 2016, p. 74.

para a coexistência de diferentes “...
de ultrapassar o que poderíamos
dominante protagonizado pela Igreja
de registos da ação feminina na soc

É pois esse esforço que nos
subsistiram alguns traços através
convento.

Domingas Peres não era uma
reconhecimento social e central
família. O seu nome não nos reem
mas para um patronímico que, de
Ao que tudo indica não seria, igu
livro é mencionado no cuidadoso
contudo, legou, no seu último tes
no mosteiro de S. Domingos⁴. Da
sua casa, actividade aliás essencia
parece poder deduzir da existênci
os bens arrolados.

Mas seria, com certeza, uma
ligiosidade que se reflecte, por e
de duas cruzes pequenas de prata
seus testamenteiros na sua casa
de S. Domingos como local de inu
de intercessão pelas suas almas.
de Santarém a quem pediu o ap

Mas por entre uma opção rati
a S. Domingos não se entrelaçam
bra da proteção dos frades cujo
das elites urbanas procurassem
igrejas às quais pertenciam com
rar, a devoção da preocupação
um casal cuja vida tinha estado
aqueles que com eles tinham pa
os conventos mendicantes os se
na morte, tal como os mosteiros
muitos dos membros das família

3 Ibidem, pp. 74-85.

4 ANTT, S. Domingos de Santarém, m

para a coexistência de diferentes “faces do feminino” na Idade Média³ e para a necessidade de ultrapassar o que poderíamos identificar, de forma algo simplista, como o discurso dominante protagonizado pela Igreja, de forma a apreender a diversidade de situações e de registos da ação feminina na sociedade medieval .

É pois esse esforço que nos propomos fazer. Olhar para uma mulher de cuja vida subsistiram alguns traços através de uma documentação preservada no cartório de um convento.

Domingas Peres não era uma mulher da nobreza nem provinha de uma família cujo reconhecimento social e centralidade económica lhe permitisse utilizar um apelido de família. O seu nome não nos reenvia para nenhum identificativo de linhagem mas apenas para um patronímico que, de tão comum que era, nada nos diz sobre os seus pais. Ao que tudo indica não seria, igualmente, uma mulher particularmente culta. Nenhum livro é mencionado no cuidadoso arrolamento que é feito dos bens que tinha em casa. E, contudo, legou, no seu último testamento, 400 libras para a construção de um estudo no mosteiro de S. Domingos⁴. Da mesma forma, alguém saberia, pelo menos, contar em sua casa, actividade aliás essencial ao exercício da profissão de mercador. É o que se parece poder deduzir da existência de dois tabuleiros pequenos de contar dinheiro entre os bens arrolados.

Mas seria, com certeza, uma mulher religiosa e preocupada com a sua salvação. Religiosidade que se reflecte, por exemplo, na posse de um crucifixo pequeno de prata e de duas cruzes pequenas de prata guardadas em duas arcas pequenas e arroladas pelos seus testamenteiros na sua casa. E que se evidencia, em particular, através da escolha de S. Domingos como local de inumação dos corpos do casal e como espaço privilegiado de intercessão pelas suas almas, mas também pelas múltiplas doações feitas às igrejas de Santarém a quem pediu o apoio e acompanhamento na altura do funeral .

Mas por entre uma opção radicada numa religiosidade e numa devoção particulares a S. Domingos não se entrelaçaria também o desejo deste casal de ser sepultado à sombra da protecção dos frades cujo êxito nas cidades fazia com que muitos dos membros das elites urbanas procurassem para sepultura o espaço mendicante em detrimento das igrejas às quais pertenciam como paroquianos? Como separar, se é que se deve separar, a devoção da preocupação com o reconhecimento social? Não seria normal para um casal cuja vida tinha estado ligada à mercancia reencontrar no espaço de inumação aqueles que com eles tinham partilhado actividades, riqueza e até cargos? Não seriam os conventos mendicantes os seus espaços privilegiados de devoção e de sociabilidade na morte, tal como os mosteiros cistercienses e beneditinos o continuavam a ser para muitos dos membros das famílias nobres?

3 Ibidem, pp. 74-85.

4 ANTT, S. Domingos de Santarém, maço 1, n.º 24.

Os dominicanos personificavam, então, uma ordem e, sobretudo, uma mensagem religiosa em expansão. É verdade que, em determinados espaços, nomeadamente em núcleos urbanos que eram igualmente sede episcopal ou espaço de instalação de uma colegiada de particular renome, os frades pregadores viam a sua influência limitada, nomeadamente no que se referia à escolha dos seus conventos como espaço de inumação.

Contudo, na maior parte das cidades do Portugal Medieval, o fascínio mendicante não deixava de se fazer exercer, ainda no decurso do século XIV e de forma clara, sobre a população aí residente, motivando conflitos recorrentes com o clero secular já anteriormente instalado.

Nestes conventos, os grupos urbanos, e muito em particular os membros das suas elites políticas e económicas, procuravam um espaço de sepultura, a intercessão pelo bem estar da sua alma no longo período que se estendia após a morte individual e a celebração periódica da sua memória. Buscavam, assim, nestas instituições a estabilidade e a garantia de continuidade que nenhuma outra instituição laica lhes oferecia. E daí a sua escolha, igualmente, para depositários dos seus bens móveis e até dos seus arquivos documentais, como o caso de Domingas Peres nos demonstra.

Terá sido, em parte, a escolha do convento de S. Domingos de Santarém como destinatário de uma parte substancial dos seus bens mas também o facto do casal ter morrido sem filhos, as razões que estiveram na base da elaboração deste longo e detalhado inventário dos bens deixados por Domingas Peres na altura da sua morte.

Pouco ou nada se sabe desta mulher antes de casar. As referências documentais mais antigas identificam-na como mulher de Estevão Domingues e só após a morte do marido ela parece assumir autonomia e protagonismo, ao ficar responsável por todos os bens móveis e imóveis do casal e com a autoridade de poder dispor deles.

No seu último testamento datado de 1353, privilegia, de forma notória, o seu sobrinho João Freire e uma sobrinha de nome Maria Domingues, a quem nomeia como uma das testamenteiras ou seja como responsável pelo cumprimento do seu testamento. Sendo uma mãe sem filhos e cujo único filho, de nome João Esteves e junto a quem pede para ser sepultada, terá morrido antes dos pais, Domingas Peres acautela o futuro dos seus sobrinhos, por serem da “sua parte”. Para, no mesmo documento, afastar os demais parentes com a dádiva usual de cinco soldos a cada, reiterando mesmo que lhes retirava tudo o que lhes tinha legado no seu anterior testamento.

Referência breve que não deixa de reflectir uma vontade firme de alterar anteriores disposições e uma relação difícil com a sua restante família.

Além das doações dirigidas aos sobrinhos, beneficiou ainda criados e algumas mulheres, cujo estatuto não surge aclarado mas com as quais parece ter mantido relações de dependência, tal como os legados constituídos por pequenas quantias em dinheiro ou por peças de vestuário deixam entrever.

Mas é, sobretudo, o inventário de bens que nos dá um pouco de ideia de algo sobre o perfil e a vivência de Domingas Peres.

Bens que parecem poder dividir-se em dois grupos: bens imóveis e bens móveis. Entre os imóveis, além de algumas terras, também algumas jóias e dinheiro.

De entre todos o primeiro grupo é o mais importante.

Tal como em outras habitações das uchas eram dominantes. Entre os bens móveis, sendo uma francesa e ferrada, ou seja, com estas juntavam-se dez uchas, ou seja, do à arrumação as arcas eram, muito embora, podendo mesmo ser utilizadas para o mesmo fim, contudo, na casa de Domingas Peres, três leitos cumpriram essas funções. Três leitos cumpriram essas funções, sendo usado como velho. A estes juntavam-se um banco evidenciando algum bem-estar.

Possivelmente Domingas Peres tinha um conjunto de arrumação.

Um conjunto numeroso e diverso de peças de pena ou de lã, com e sem cabeças e faceiros para a cabeça, de burel, colchas delgadas e grossas. Em alguns casos os testamenteiros deixaram uma quantidade não deixa de surpreender, identificados quarenta, entre grande parte destes tecidos terem sido de lã.

Aliás o arrolamento de três tabuleiros existentes na casa reforça a ideia de um conjunto especial por parte de Domingas Peres.

Numerosos são igualmente os utensílios domésticos, como as sertãs, caldeirões, tabuleiros, potes e o gomil dão-nos a ideia da variedade de utensílios, sobretudo, do pão.

Ao conjunto de utensílios domésticos juntam-se também cinco tabuleiros chamados tabuleiros do forno e uma base de medir pão, de farinha de trigo. O primeiro encontrado de farinha tinha sido acondicionada num

Mas é, sobretudo, o inventário já referido dos seus bens que nos permite apreender algo sobre o perfil e a vivência desta mulher.

Bens que parecem poder dividir-se em três grupos: bens da casa, compreendendo-se neste grupo roupa e móveis, bens de uso pessoal, no qual se inclui o vestuário mas também algumas jóias e dinheiro, guardado, como já vimos, no convento de S. Domingos.

De entre todos o primeiro grupo parece ter sido particularmente volumoso.

Tal como em outras habitações medievais, na casa de Domingas Peres as arcas e as uchas eram dominantes. Entre grandes e pequenas, contabilizavam-se quatro arcas, sendo uma francesa e ferrada, outra identificada como grande e duas como pequenas. A estas juntavam-se dez uchas, cujo conteúdo é, por vezes, especificado. Espaço destinado à arrumação as arcas eram, muitas vezes, os móveis mais importantes de uma habitação, podendo mesmo ser utilizado como espaço de repouso. Tal não deveria acontecer, contudo, na casa de Domingas Peres. Pelo menos para alguns dos elementos da casa. Três leitos cumpriam essas funções, embora um deles tenha sido claramente identificado como velho. A estes juntavam-se ainda quatro cadeiras, uma mesa e um escano ou banco evidenciando algum bem – estar doméstico.

Possivelmente Domingas Peres utilizava uma parte substancial destes móveis para arrumação.

Um conjunto numeroso e diversificado de roupa de cama assim o exigiria. Almadraques de pena ou de lã, com e sem fronhas, para servirem de enxada de base, chumaços, cabeçais e faceiros para a cabeça, almucelas, mantas, faceiros, cobertas, nomeadamente de burel, colchas delgadas e grossas, lençóis e toalhas abundam neste inventário. Em alguns casos os testamenteiros classificam alguma desta roupa como velha, mas a sua quantidade não deixa de surpreender, como é o caso dos lençóis onde de uma vez são identificados quarenta, entre grandes e pequenos, deixando suspensa a hipótese de uma parte destes tecidos terem sido dedicados ou destinarem-se ainda à comercialização.

Aliás o arrolamento de três tabuleiros de tenda bem como de balanças entre os bens existentes na casa reforça a ideia possível de alguma continuidade na actividade comercial por parte de Domingas Peres mesmo que de forma parcial.

Numerosos são igualmente os utensílios de cozinha inventariados. Grelhas, espetos, sertãs, caldeirões, tabuleiros, potes, peneiras, masseiras, rapadeiras, um saleiro e um gomil dão-nos a ideia da variedade de utensílios exigidos na confeção das refeições e, sobretudo, do pão.

Ao conjunto de utensílios destinados à feitura do pão, entre os quais se incluíam também cinco tabuleiros chamados tabuleiros de pão, dois cestos destinados a trazer o pão do forno e uma base de medir pão, juntava-se ainda um volume considerável de trigo e de farinha de trigo. O primeiro encontrava-se guardado em quatro toneis cheios enquanto a farinha tinha sido acondicionada num pote com o volume de 17 alqueires e em dois cos-

tais tidos como correspondentes a uma **carrega**. Cevada e algum milho completavam o conjunto de cereal a provisionado mas, **sem dúvida**, que o trigo era dominante, facto que reitera, por um lado, a importância do **pão na alimentação** medieval e, por outro, o lugar social ocupado por Domingas Peres, enquanto consumidora provável de pão branco.

Além do cereal apenas a carne de toucinho merece uma referência específica no que respeita aos alimentos preservados. Curiosamente nenhuma menção é feita ao vinho, bebida por excelência e transversal à sociedade medieval. E, no entanto, existem referências a pipas e toneis vazios, pressupondo uma possível utilização.

Utensílios vários como escadas ou lenha completavam o interior de uma casa vivida e habitada na Rua dos Mercadores de Santarém⁵.

Mas esta era a casa de uma mulher. De uma mulher agora viúva mas que ao longo da sua vida tinha acumulado alguns elementos representativos de algum desafogo financeiro mas também de alguma ostentação.

Assim, é no grupo dos bens que poderíamos classificar como de uso pessoal que esta ostentação se torna mais presente. A par das taças, do vaso e copo de prata guardados em S. Domingos, o inventário de bens arrolou ainda uma taça de prata decorada em redor com flor de vide e no fundo com um escudo, 2 outras taças de prata sendo uma delas de prata branca picada, duas arcas pequenas de prata, um anel de prata, duas pedras não encastradas, contas de coral e dezoito botões de âmbar.

Em suma um conjunto significativo de peças, cujo valor não é, na verdade, indicado mas que espelham como o dinheiro obtido no comércio era encaminhado para a compra de imóveis que assegurassem, através da sua exploração, rendimentos futuros mas também para a aquisição de alguns utensílios que, pela sua especificidade, conferiam ao comprador um valor de reserva mas também um reconhecimento social através da sua ostentação.

E, no entanto, o rol da roupa pessoal de Domingas Peres parece contrapor-se a esta possível ostentação.

Ceromes, saias de mulher, pelotes, capeiotes, matelotes, mangas soltas e véus parecem ter constituído o seu vestuário. De muitos deles é dito que se encontravam usados e mesmo em alguns casos velhos. Embora feitos de bons tecidos, importados de diferentes pontos da Europa, como acontecia com uma saia de Tournai ou um cerome de Arras, com ceromes e saias e um capeiote de bifa talvez oriunda de Bruges ou de Malines, a verdade é que o uso marcava a maior parte destas peças. Exceção pareciam ser dois regaços de alva lavrados com seda e com sinais do rei, uma cinta de pano lavrado e treze véus brancos de linho, sobre cujo estado de uso nada é dito.

5 BEIRANTE, Ângela, *Santarém Medieval*, Lisboa, FCSH-UNL, 1980, p. 73.

Novelos e meadas de linho, me
ras de lenço bom e delgado, vinte
linho completavam esta parte do i

Novelos e meadas poderiam t
Domingas Peres e as suas criadas s
aprovisionamentos que visavam o

Mas o inventário do seu vestua
como é classificado. Os testame
casa e pelos bens acumulados na h
de forma negativa o estado da ma
a outras peças do seu património
seus bens.

Uma disparidade tão visível não
estamos perante uma mulher deta
da sua quota disponível e dos seus
codicilo. A este nível o seu estatuto
de que poderia ser, então, talvez av
vestuário parece contradizer o des

A vaidade feminina entrevista n
algumas das roupas, o recurso a s
posse de algumas peças como é o
passado algo distante.

Talvez que o burgo em que Do
a uma viúva. Senhora de uma casa
dúvida, comedida na sua aparênci
trimónio denunciava.

É bem possível que Domingas P
1359 data em que os seus testame

Previsivelmente terá sido sepu
seu marido terão sido rezadas missa
do tempo e obrigações mais recente
memoração de um casal de mercad

Domingas Peres não é, pois, un
difuso para nós, apenas se manteve
tica em preservar a documentação
constituíam o seu património.

Novelos e meadas de linho, meadas de estopa, **meadas de fiado vermelho**, vinte varas de lenço bom e delgado, vinte varas de linho, **algumas varas de bragal**, e sacos com linho completavam esta parte do inventário.

Novelos e meadas poderiam talvez corresponder a **uma** actividade caseira à qual Domingas Peres e as suas criadas se dedicariam. Os tecidos elencados poderão reflectir aprovisionamentos que visavam utilizações futuras, fossem domésticas ou comerciais.

Mas o inventário do seu vestuário não deixa de surpreender na singeleza e na forma como é classificado. Os testamenteiros que nos dias 16 e 18 de Junho deambularam pela casa e pelos bens acumulados na habitação de Domingas Peres não hesitaram em avaliar de forma negativa o estado da maior parte da sua roupa. Avaliação que não é extensível a outras peças do seu património, caracterizando de forma particular esta parte dos seus bens.

Uma disparidade tão visível não pode deixar de colocar interrogações. É verdade que estamos perante uma mulher detentora de um património assinalável, capaz de dispor da sua quota disponível e dos seus bens tal como é claro pela leitura do seu testamento e codicilo. A este nível o seu estatuto de viúva não parecia limitá-la. Nem mesmo a sua idade que poderia ser, então, talvez avançada. E, no entanto, o uso que parece marcar o seu vestuário parece contradizer o desafio que a sua casa e o dinheiro acumulado revelam.

A vaidade feminina entrevista na qualidade dos tecidos utilizados para a confeção de algumas das roupas, o recurso a seda e a contas para o embelezamento do mesmo, a posse de algumas peças como é o caso de dois espelhos parecem ser resquícios de um passado algo distante.

Talvez que o burgo em que Domingas Peres vivia assim o exigisse ou o impusesse a uma viúva. Senhora de uma casa onde algum desafio se mantinha visível era, sem dúvida, comedida na sua aparência, simples, singela, distante da riqueza que o seu património denunciava.

É bem possível que Domingas Peres tenha morrido pouco antes de 16 de Junho de 1359 data em que os seus testamenteiros iniciaram o registo dos bens móveis.

Previsivelmente terá sido sepultada em S. Domingos e pela sua alma e **pela alma de seu marido** terão sido rezadas missas, invocando a memória do casal, **até que a voragem do tempo e obrigações mais recentes se impuseram, relegando para segundo plano a rememoração de um casal de mercadores de Santarém na primeira metade do século XIV.**

Domingas Peres não é, pois, uma mulher com História. O seu percurso, **distante e difuso para nós**, apenas se manteve à custa da preocupação de uma instituição **eclesiástica** em preservar a documentação que confirmava e legitimava a posse dos **bens que constituíam o seu património.**

Desta forma, a memória documental **que aqui considerámos** não deixa de ser o resultado de opções e eliminações. Aos **frades de S. Domingos** interessava manter a lembrança da doadora e não da mulher **que tinha vivido na primeira década de Trezentos**.

Morada no burgo Domingas Peres é **apenas um exemplo** privilegiado daqueles grupos urbanos que tendo no comércio a **fonte de produção** da sua riqueza, procuravam na posse da terra que adquiriam e na ostentação de algum bem estar o reconhecimento social do núcleo onde se inseriam.

Não sendo uma mulher com História, Domingas Peres não deixa de nos interrogar enquanto historiadores e apelar à necessidade de ter em linha de conta a vivência diversificada do feminino no contexto medieval.

Para mais, a tentação de vislumbrar por entre as doações dirigidas ao grupo de mulheres referido no último testamento e de olhar a escolha dos seus sobrinhos João Freire e Maria Domingues, para herdeiros, como protagonistas de um círculo de afectos que rodeava uma mulher sem descendentes, é enorme.

Mas esse é sempre um espaço que nos escapa. O da vivência individual das emoções e dos sentimentos.

Resta-nos apenas ler neste percurso, singular pela lembrança documental, mas comum no seu trajecto, a especificidade inerente ao individuo e ao que ele representa da vida de uma mulher.

Elinor Oström prémio Nobel

MANUELA SILVA

É presidente e fundadora da Fundação em Economia pelo Instituto Superior de Estado para o Planeamento de peritos no âmbito da U.E., Conselheira de Peritos. Foi presidente de várias instituições intelectuais católicas. Foi presidente da Associação de Mulheres em Economia.

1. Justificação do tema escolhido

A Professora Henriques incluiu no seu último quartel do século XX, têm sido a presença das mulheres na economia muito contribuído, no plano da presença feminina numa importante

Assinalo este facto para justificar de homenagem à Professora Fer Elinor Oström – A única mulher a optar pelo seu cunho exemplifica as mulheres em certas áreas que prevalecem ideias preconceituosas

2. Quem foi Elinor Oström?

Elinor Oström (1933-2012) foi nos Estados Unidos. Notabilizou-se com o designado prémio Nobel

Acresce que o carácter inovador da distinção, enquadra-se numa perspectiva da economia neoliberal e concomitantemente no ressurgimento da economia política

O tema que a notabilizou gira em torno da acção conducente à sua boa gestão e sustentabilidade. Pense-se, por exemplo,